



LUTO INFANTIL

Rafaela Roncatto

Caxias do Sul, 2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES
CURSO DE PSICOLOGIA

LUTO INFANTIL

Trabalho apresentado como requisito para a aprovação na disciplina PSI0512B- Trabalho de Conclusão de Curso II, sob orientação da Profa. Dra. Raquel Furtado Conte.

Rafaela Roncatto

Caxias do Sul, 2019

*“Se quiseres poder suportar a vida,
fica pronto para aceitar a morte”*

Sigmund Freud

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho ao meu pai Luiz (in memoriam) que me ensinou como se reerguer diante das adversidades da vida. A minha mãe, Isabel que sempre me apoiou nos meus sonhos e projetos e esteve diariamente comigo. As minhas irmãs, Renata e Roberta que são minhas fontes de inspiração e força, e, a minha afilhada Júlia Victória, que é meu ponto de paz e alegria. As minhas colegas, amigas e parceiras de vida Desirée, Jocieli, Marina e Andressa que sempre estiveram me auxiliando e compartilhando conhecimento ao longo deste período acadêmico. Gratidão aos meus colegas da Secretaria Municipal de Saúde de Vila Flores por compreenderem a minha ausência e serem sempre receptivos as minhas demandas. Por fim, e não menos importante, a Prof^a. Dr^a. Raquel Furtado Conte minha orientadora e exemplo profissional, pela solicitude e solidariedade perante minhas dificuldades.

SUMÁRIO

	Página
RESUMO	6
INTRODUÇÃO.....	7
OBJETIVOS.....	9
Objeto Geral	9
Objetivos Específicos	9
MÉTODO.....	10
Delineamento.....	10
Fontes	10
Instrumentos	10
Procedimentos.....	11
Referencial de análise	11
RESULTADOS	13
Definição de Luto	13
Repercussões do luto parental na infância.....	15
O papel dos genitores no processo de elaboração do luto	19
Contribuições da Psicologia para elaboração do Luto Parental na Infância	21
SÍNTESE INTEGRADORA	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	31

ANEXOS

ANEXO A. Ficha de Apontamentos 35

RESUMO

O objetivo geral desta pesquisa foi o de identificar possíveis intervenções do psicólogo na elaboração do luto com a morte de um dos genitores na infância. O estudo foi delineado a partir de uma pesquisa qualitativa, bibliográfica de caráter exploratório. A coleta de dados se deu por meio de livros, artigos, teses e dissertações onde o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi a ficha de apontamentos, sendo a síntese integradora adotada como referencial de análise. Para a pesquisa bibliográfica, inicialmente foi realizada a leitura e seleção de artigos com os temas: luto, luto infantil, infância, desenvolvimento infantil e luto parental. Os resultados apontaram para a importância de compreender e respeitar a compreensão cognitiva da criança sobre o luto, bem como as estratégias de enfrentamento de acordo com os aspectos maturativos, as causas da morte e os fatores externos relacionadas à criança, como a reação da família frente à morte do genitor, bem como a relação da criança com aquele genitor que morreu. Foi possível identificar que a família tem um aspecto importante para o fenômeno, uma vez que a forma por ela encontrada poderá auxiliar para os significados atribuídos ao luto, assim como, para suportar a ausência do familiar falecido. A partir dos resultados, é possível concluir que a psicologia pode contribuir em situações do luto infantil, oferecendo um espaço de escuta e simbolização tanto com as crianças como com os seus familiares.

Palavras-chave: luto, infância, genitores, morte, desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

Várias circunstâncias podem separar os filhos de seus pais por algum tempo ou definitivamente. Neste último caso, a morte de genitores pode afetar o desenvolvimento infantil, tanto a curto quanto em longo prazo (Bowlby, 1973/1998) e o rompimento de um vínculo por morte, exige uma reorganização emocional por parte da criança e da família (Franco & Mazorra, 2007).

A separação por morte configura-se um potencial estressor para a criança, podendo colocar em risco a sua segurança e sobrevivência emocional (Franco & Mazorra, 2007). Soma-se a isto o fato desta estar inserida em um grupo familiar que, pelo impacto do evento, tende a também se encontrar fragilizado (Cole & Cole, 2009). Essas questões tornam o luto infantil um tema complexo que merece ser aprofundado. O conhecimento sobre o assunto é essencial para se entender as implicações da morte de genitores, bem como para orientar famílias na busca por terapias e fontes de apoio efetivas para as crianças afetadas por tais perdas.

A literatura encontrada sobre o processo de luto da criança, em sua grande parte é estrangeira, descrevendo as reações e sintomas que podem ser apresentados pela criança de faixas etárias diferentes, que vivenciam inúmeros tipos de perda. No entanto, ainda é necessário realizar estudos a respeito dos mecanismos intrapsíquicos envolvidos na elaboração do luto da criança.

No primeiro ano de vida da criança, o padrão resultante da interação com os pais já apresenta relevância. Este padrão de interação tende a persistir, no mínimo, pelos segundo e terceiro anos subsequentes. A instabilidade diminui, à medida que os anos passam e os padrões se estabilizam, como resultado de uma adaptação mútua dos indivíduos da relação (Bowlby, 1990).

De acordo com o conceito de luto de Bowlby (1990) e do conceito de “Modelos de Apego”, expandiram-se pesquisas relacionando os tipos de apego à certos padrões de luto. Compreende-se hoje que o sofrimento do luto está relacionado às alterações da saúde física e mental, ou seja, luto enquanto fator de risco e, conforme o previsto, vão surgindo áreas específicas de estudo, analisando aspectos do desenvolvimento humano, da personalidade, assim como culturais e sociais. As pesquisas vêm somando dados para construir uma visão mais específica como gênero, grupo social, cultura e ao mesmo tempo, ampliação do luto, na medida em que não só um indivíduo fica enlutado, mas também uma família e a rede de relações próximas ao finado.

Para Boss (2008), citando a realidade americana, trabalhos desenvolvidos em associações nacionais, que investem em meios de angariar verbas a fim de investir em projetos que atendam pessoas enlutadas, não atuam necessariamente para modificar a tragédia vivida da própria perda, e, conseqüentemente, ajudar no sofrimento de algo semelhante no futuro. O trabalho com enlutados necessita, assim, ser baseado em dados de estudos mais apurados, que tragam a especificidade de variados tipos de perdas e formas relacionadas de abordá-las.

O tema em questão, luto infantil, despertou meu interesse ainda no início da vida acadêmica, em especial na disciplina de Psicologia da Infância. Nesta, foi trabalhado o desenvolvimento infantil, a importância da família como rede de apoio e também as fases do luto em si.

Posteriormente, outra situação vivenciada ocorreu no Serviço de Psicologia Aplicada (SEPA) juntamente com a disciplina de Psicodiagnóstico Infantil. Novamente, foi revivido a importância da estrutura familiar, assim como a importância do psicólogo nas mais diversas fases do desenvolvimento para formação da identidade pessoal.

Além disso, através do meu trabalho, que é ligado diretamente ao Sistema Único de Saúde – SUS, pude assistir a uma palestra ministrada por uma psicopedagoga em conjunto à uma psicóloga, sobre o tema luto e as mais diversas maneiras de abordar este assunto em sala de aula, bem como, as formas de trabalhar com as famílias que em algum momento, terão de passar por tais situações.

Com isso, acredita-se que a intervenção do psicólogo, poderá ser qualificada com estudos e pesquisas referentes ao luto infantil, para trabalhar tal demanda. Desta maneira, consolidar tais conhecimentos em suma do trabalho do psicólogo será relevante para a prática profissional.

OBJETIVOS

Objeto Geral

Identificar possíveis intervenções do psicólogo na elaboração do luto de um dos genitores na infância.

Objetivos Específicos

- Caracterizar o luto;
- Descrever as repercussões do luto parental na infância;
- Identificar as possíveis atribuições do psicólogo para auxiliar na elaboração do luto parental na infância.

MÉTODO

Delineamento

O delineamento dessa pesquisa bibliográfica será o qualitativo exploratório. Segundo Gil (2011), a pesquisa bibliográfica se constitui a partir da exploração em todo material, já elaborado previamente sobre o tema, sendo basicamente composta por livros e artigos científicos. A finalidade, segundo Marconi e Lakatos (2010), é de que o pesquisador possa entrar em contato com tudo que já foi publicado sobre o assunto. Flick (2009) aponta como algumas das características do método qualitativo, o fato de ele ter como objeto de estudo a descoberta e a construção de teorias; sendo assim, traz que este tipo de pesquisa é uma “ciência baseada em textos”, logo, após a coleta de dados serão produzidos textos que serão interpretados.

Günther (2009) afirma que a pesquisa qualitativa busca compreender as relações entre as variáveis por meio de explicações destas relações. A pesquisa exploratória tem por finalidade que o pesquisador se familiarize com o problema para que possa explicitá-lo da melhor forma possível (Gil, 2010). Com esse tipo de pesquisa pretende-se ter uma visão geral sobre determinado fato. Costuma ser utilizada quando o que se pretende estudar fora pouco explorado na literatura (Gil, 2011).

Fontes

As fontes utilizadas para a busca de artigos científicos no banco de dados foram: *Scientific Electronic Library Online (Scielo)*, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic) e Periódicos da CAPES. Os artigos serão datados entre os anos de 2007 e 2018. Além disso, foram utilizados livros de autores clássicos que desenvolveram estudos e pesquisas sobre o tem como: Torres, Bowlby, Freud, Melanie Klein, dentre outros.

Instrumentos

O instrumento utilizado para a análise dos dados foi a ficha de documentação. Gil (2010) aponta que o fichamento é importante, pois auxilia na identificação das obras que foram consultadas, permite que anotações contendo comentários, ideias e conteúdos relevantes sejam feitas, como também se assegurar uma organização das informações obtidas.

Procedimentos

Primeiramente foi realizada a busca dos materiais nas fontes citadas anteriormente, para então serem selecionados. Foi realizada uma leitura prévia dos resumos de todos os artigos, para avaliar quais seriam utilizados no trabalho, de acordo com os objetivos propostos.

Para tal, seguiram-se diferentes tipos de leitura. O primeiro tipo realizado foi a leitura exploratória. Segundo Gil (2010), esta é uma leitura que tem por objetivo verificar em que medida o material consultado interessa à pesquisa. Em seguida, a partir da leitura seletiva, fez-se a seleção dos materiais que de fato interessavam ao projeto. “A leitura seletiva é mais profunda que a exploratória; todavia, não é definitiva.” (Gil, 2010, p. 78). Seguiu-se com a leitura analítica das obras selecionadas, que consiste em, conforme o autor citado anteriormente, ler integralmente o material escolhido, identificar ideias centrais, palavras-chaves e sintetizar o conteúdo focando-se no que de fato auxiliará na solução do problema de pesquisa. Por fim, se deu a leitura interpretativa. Essa é etapa mais complexa do processo de leitura, uma vez que, tem por finalidade relacionar o que o autor afirma com o problema para o qual se propõe uma solução (Lima & Miotto, 2007; Gil, 2010).

Após esta etapa, os artigos selecionados, foram lidos por completo e os elementos mais importantes foram extraídos e organizados nas fichas de documentação.

Por fim, os dados coletados foram analisados utilizando a síntese integradora. Os descritores utilizados na busca foram: luto, desenvolvimento infantil, papel dos genitores e atribuições da psicologia. Foram considerados critérios de exclusão dos artigos que associavam o luto às variáveis: separação conjugal dos genitores, afastamento de um dos genitores do lar, dentre outros.

As fichas de apontamentos foram elaboradas após a leitura analítica seguida da interpretativa. Com isso, os dados foram organizados para posterior disposição dos resultados em forma de síntese integradora.

Referencial de análise

A análise da pesquisa se deu por meio da síntese integradora. De acordo com Lima e Miotto (2007), a síntese integradora “consiste na fase de reflexão e de proposição de soluções, baseada no material de estudo que compôs a pesquisa.” (p. 43) Seguindo com os mesmos autores, os resultados da pesquisa são possíveis devido às sucessivas aproximações dos tópicos estudados que embasam as reflexões realizadas. A síntese integradora visa integrar, ordenar e coordenar os itens apresentados (Salvador, 1978).

Conforme Salvador (1978), os passos da síntese integradora foram: anotar as principais ideias encontradas nos materiais de análise, coordenar as ideias em ordem ascendente (forma preferencial) ou descendente e, por fim, aclarar os detalhes, exemplos de possíveis aplicações e de justificativas pretendendo a concretude da elaboração. Adotando as etapas citadas buscou-se, por meio deste trabalho, apresentar a correlação entre luto por morte de um genitor e as formas possíveis de intervenções da psicologia na fase da infância.

Para Lima e Miotto (2007), é nesse momento de associação entre os conteúdos que o pesquisador valida suas informações a partir dos autores pesquisados, por conseguinte, a análise e interpretação crítica dos dados resultam na síntese integradora.

RESULTADOS

Na revisão da literatura, visando aprofundar conhecimento sobre o assunto, será possível compreender o fenômeno do luto parental, especialmente durante a infância. Posteriormente será descrito as repercussões do luto para a criança e, em seguida será identificado as possíveis atribuições do psicólogo para auxiliar na elaboração do mesmo.

Definição de Luto

Para Freud (em Bouteiller, 2017), “luto é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de algo, como os pais, a liberdade, o ideal de alguém e assim por diante.” (p. 255). Ressalta a princípio, que o luto é um processo que se inicia com a perda propriamente dita e se desenrola até o período de sua elaboração, quando o indivíduo enlutado retorna novamente ao mundo externo após ter passado algum período, voltando sua energia aos processos internos de elaboração.

Para a Psicanálise, o luto, desde que seja superado, não é considerado uma condição patológica, mesmo que traga consigo mudanças temporárias no estilo de vida de quem o vivencia, tal como a perda de interesse por atividades do cotidiano e pelo convívio social.

Klein (em Oliveira, 2007) também o concebe como uma perda objetual e, em cujo processo haverá uma reativação de experiências tidas no princípio do desenvolvimento psíquico humano. A autora entende que nesse processo haverá uma reativação do que chamou de "posição depressiva" arcaica. Assim, o que é acrescido em Klein (em Oliveira, 2007), é que o luto não se refere apenas a uma perda objetual real, mas também simbólica.

Ainda segundo Klein (em Oliveira, 2007), no processo de luto infantil em sua relação com a posição depressiva, o objeto de amor é introjetado e instalado no mundo interno do sujeito. Sendo assim, quando há o trabalho do luto na idade adulta, o sujeito tem uma fantasia inconsciente de que, em virtude da perda desse objeto, todos os outros objetos bons serão perdidos, predominando os objetos maus, ativando por sua vez a posição depressiva e os sentimentos de ansiedade.

A teorização de Klein (em Oliveira, 2007) sobre o luto articula-se à constituição do Eu e à posição depressiva, a fim de discorrer sobre as vivências de luto na idade adulta, enfatizando a possibilidade de pensar o processo de luto patológico.

Lacan (em Castilhos & Bastos, 2013) também traz contribuições acerca do luto. Se, para Freud (em Bouteiller, 2017), o luto é apresentado como um desligamento de vínculos, na compreensão lacaniana da perda, essa tarefa implica na sustentação e manutenção desses vínculos, mesmo no vazio do objeto.

Conforme Bowlby (1990), o luto está acompanhado a uma quebra de conexão que é experimentada como abandono e martírio, podendo desenvolver ansiedade, isolamento, afastamento, separação e medo. Segundo o autor citado, a maneira da criança vivenciar o luto está ligada especialmente a dois aspectos, sendo eles, os arquétipos de afinidade familiar, seus antecedentes e reestruturação do sistema familiar, em consequência pelo modelo de dependência, que até então têm caracterizado as afinidades originais familiares, bem como pelo entusiasmo e vigor desse mesmo atrelamento. A perspectiva do luto ao autor concentra com a visão psicanalítica, no sentido da desvinculação das ligações afetivas com o objeto perdido.

Para Cavalcanti e Bonfim (2013), o que leva a criança acreditar que o falecido irá ressuscitar, está ligado com as fantasias dos desenhos animados, onde muitas vezes um personagem falecido em um determinado momento, volta a vida, ou até mesmo algumas explicações dos pais ao dizer que o outro genitor foi descansar, dormir, virou uma estrela ou precisou fazer uma longa viagem, entre outras falácias.

Comumente supõe-se que na infância não se compreende a morte. Por isso, muitas vezes, existe a opinião de que tudo que é relacionado a este conceito é danoso para a criança, fazendo com que haja um emudecimento em relação ao fenômeno permitindo, assim, que surjam símbolos e desconversas sobre o tema (Torres, 2002).

Por outros aportes, luto é a reação a uma perda significativa. A perda associada ao luto pode ser de alguém ou de algo (real), ou pode ser de algo simbólico, como um ideal ou uma competência (Barbosa, 2010). O luto define-se como um processo e não um estado. Existem várias fases, distintas entre si, e diferentes consoantes as características pessoais. Conforme Barbosa (2010) são três as fases do luto, a primeira caracteriza-se pela sensação de choque e de negação, é a fase da descrença, se faz natural que a pessoa encontre incredulidade, podendo reagir com algum embotamento afetivo, pertence a uma fase onde ainda há a procura. A segunda fase do luto acontece quando a pessoa se desorganiza e experimenta o desespero, é onde se toma consciência da perda, reagindo com choro, tristeza, desgosto, depressão, entre outras reações. Por fim, numa terceira fase já é possível uma reorganização e recuperação emocional, então ocorre o restabelecimento.

Kübler-Ross (2011) descreve cinco estágios emocionais pelos quais os pacientes passam durante o processo de morrer, onde o mesmo já está por partes, enlutado. No primeiro que se refere a negação e isolamento, geralmente o paciente procura provar de todas as formas que houve um engano, necessitando de tempo para absorção da ideia.

No segundo estágio, se mescla a raiva por planos estarem sendo interrompidos a ressentimentos pelo que não foi vivido e inveja pela nova condição e do processo em curso (Kübler-Ross, 2011).

No terceiro, o da barganha, há uma tentativa de adiar a morte como um prêmio por um bom comportamento. Há promessas de novas atitudes e de mudanças no estilo de vida, na esperança de prolongar um pouco mais a sobrevivência. Ocorrem também arrependimentos por situações concretas ou fantasiosas vividas como pecados, fazendo com que o paciente se sinta castigado pela morte (Kübler-Ross, 2011).

A depressão, no quarto estágio, pode ser de dois tipos: a reativa e a preparatória. A reativa pode surgir frente uma vivência de proximidade da morte de um familiar, com isso sugere-se uma abordagem multidisciplinar com apoio e orientação principalmente na área social. A depressão preparatória pode surgir quando o paciente se dá conta de que perderá tudo, em breve.

No último estágio, de aceitação, coincide com o período de maior desgaste físico. Parece ser mais difícil viver do que morrer e os sentimentos desvanecem. É um período em que o paciente pode querer falar sobre seus sentimentos, mas precisa que haja pessoas disponíveis e preparadas internamente para esse contato (Kübler-Ross, 2011).

Kübler-Ross (2011), ressalta que sempre há uma ponta de esperança que não deve ser retirada com verdades cruéis ditas de forma direta.

Repercussões do luto parental na infância

Toda criança exibe uma forte capacidade para observar o que acontece à sua volta. A perda de uma figura de vínculo é percebida pela criança como desamparo, tendo assim o luto como resposta desta perda.

Segundo Bromberg (2000), para a criança é muito difícil elaborar a perda de um objeto amado, especialmente aquele do qual depende, pois, seu psiquismo ainda está em fase de construção, e ela necessita das pessoas que garantam sua sobrevivência física e desenvolvimento emocional.

Para Raimbault (1979), constata-se que o falecido é definido pela criança em função de seu desaparecimento do campo visual e de sua localização em local específico, como o caixão, túmulo, cemitério, significando a morte. O finado é descrito como alguém que deixou de exercer qualquer atividade física ou psicológica, perdeu a motricidade, a voz, a visão, a audição; já não é capaz de sentir, não pensa mais, nada mais sabe.

Torres (2002) relata que o conceito de morte não é um conceito unitário, sua avaliação requer uma abordagem multidimensional para que se tenha uma visão mais clara

do que a criança, nas diferentes etapas de seu desenvolvimento é capaz de compreender acerca da morte.

Para Bowlby (1973/1998), a partir de um ano e quatro meses de idade, aproximadamente, a criança teria mais recursos cognitivos e emocionais para elaborar o luto de maneira aproximada ao adulto. Considera-se arriscado, no entanto, comparar esse incremento de recursos emocionais da criança dessa idade, com a capacidade elaborativa do adulto, uma vez que o psiquismo da criança ainda está em formação.

Kovács (2013) afirma que a criança apresenta uma forte capacidade para observar e quando o adulto de alguma forma, tenta evitar falar sobre a morte com ela, a sua reação pode ser a manifestação de sintomas. O adulto crê que esconder a morte da criança auxiliará de forma positiva, com a ideia de proteção e afastamento da dor, trata-se de um engano, pois isso deixará a criança confusa e desamparada. Para Kovács (2013), toda criança é dependente de um adulto, alguém para lhes dar todo o suporte necessário de sobrevivência e crescimento. Além disso, a criança irá adquirir um apego emocional, cultivando sentimentos do qual irá proporcionar um afeto considerável. No caso da morte de um dos genitores, a criança não terá a mesma capacidade de elaborar o luto que uma pessoa adulta é capaz.

De acordo com Kovács (2013), falar com a criança sobre a morte de forma clara e natural permite a ela lidar com os medos que podem surgir pelo desconhecido, tendo a possibilidade de elucidar algumas dúvidas e mitos que lhe são transmitidos.

Aberastury (1984), afirma que quando o adulto nega esse direito de esclarecer à criança sobre a morte, causa uma perturbação no momento em que deve ocorrer o início da elaboração do luto da criança, ou seja, em fazer aceitar que alguém desapareceu para sempre. Alguns tipos de explicações como, “agora está lá no céu”, “é uma estrelinha”, “foi viajar”, geram confusão e frustração na criança, prejudicando o processo de conhecimento, além de uma dor permanente. “A ausência se faz mais dolorosa e conflitiva. Entra em luta uma convicção do que aconteceu, que é percebido pela criança, e o que o adulto lhe relata.” (Aberastury, 1984, p. 132).

Neste sentido, Bowlby (1973/1998), afirma que a perda de uma figura de vínculo é percebida pela criança como desamparo. Dentre os efeitos mais intensos e perturbadores provocados pela perda do genitor, encontram-se o medo de ser abandonada, a saudade da figura perdida e a raiva por não poder reencontrá-la.

Assim como na afirmação do autor anteriormente citado, entende-se que nenhuma criança deve ser poupada do que está acontecendo naquele momento, tentar mudar a realidade dos fatos ou o contexto da situação, apenas para evitar o sofrimento da criança

não é o caminho ideal a ser seguido, pois em algum momento ela terá que confrontar com a morte.

Para Bowlby (1973/1998), “enquanto a ansiedade de separação é a resposta usual a uma ameaça ou a algum outro risco de perda, o luto é a resposta usual a uma perda, depois dela ter ocorrido.” (p.42).

Freud (em Bouteiller, 2017), dispõe de que o luto é um procedimento lento e doloroso, tendo como características tristeza profunda, isolamento, afastamento de tudo que esteja ligado ao objeto perdido, resultando na diminuição do interesse no mundo externo e da substituição de um novo objeto de apego.

Durante o luto, é normal que o indivíduo apresente comportamento psicótico, contudo o luto não é considerado uma doença, vencido após certo tempo. Para Klein (em Oliveira, 2007), o luto reativa a posição depressiva arcaica.

Bowlby (1973/1998) dividiu o luto em quatro fases, o entorpecimento ou choque, anseio e busca da figura perdida, desorganização e desespero, e por fim a reorganização. Para o autor a fase do entorpecimento ou choque são reações que ocorrem logo após a perda, essa fase pode durar algumas horas ou semanas. Nesse período as seguintes frases: “Não era real”, “não parecia real” eram bastante utilizadas.

Percebe-se que em duas das quatro fases, a criança/filho enlutado alterna entre o emocional e o real, de um lado ele acredita que o genitor amado irá voltar, em consequência ele acaba tendo atitudes que o levem a crer que o falecido irá voltar, que isso irá realmente acontecer, logo em seguida o indivíduo sabe que a morte ocorreu e sofre com essa percepção.

Na fase de reorganização, o enlutado começa a perceber seus pensamentos e o reavalia, reconhece que alguns de seus comportamentos são extrapolados. Ele percebe, que os barulhos que ouvia em casa, por exemplo, não foram feitos pelo falecido e não significa que ele esteja retornando. O luto não está associado apenas à perda da morte, se opõe também a qualquer situação pertinente a uma perda significativa (Bowlby, 1973/1998).

De acordo com Laplanche e Pontalis (1967/2007), as pulsões de vida tem uma tendência, não apenas a de guardar as unidades vitais existentes, mas a partir de unidades mais englobantes e, as pulsões de morte tendem ao estrago das unidades vitais, para a igualização radical dos conflitos e para o retorno ao estado inorgânico que se crê ser o estado de repouso.

Mendes (2009) apontou que a sociedade atual, se esquiva quando o tema da morte com crianças enlutadas está em discussão, recolhendo-se num mundo fictício criado por elas mesmas. A evasão a esse assunto revela o desencadeador fiel de mecanismos de

defesa de identificação. Deixar de falar sobre a morte de um ente querido ou da própria morte por meio do silêncio, é uma fantasia errada e isso não aliviará a amargura, o sofrimento ou a ansiedade.

Para Kovács (2013), o luto parental é o rompimento de uma relação com quem construiu algum vínculo. A perda de uma pessoa significativa potencializa uma desorganização do sujeito, um sentimento de impotência que afeta a realização de atividades cotidianas. Nesse sentido, pode-se pensar no rompimento tanto de vínculo tanto do filho com a morte dos pais, como o inverso, o próprio pai com a morte do filho.

Evidentemente, fatores como vínculo, idade do filho no momento da perda, circunstâncias da perda, onde a morte ocorreu, como ocorreu e suas causas, contribuem para o processo de luto. Essas circunstâncias evocam o pensar sobre a perda do genitor, as respostas a essas perguntas demandam reações diversas (Kovács, 2013).

A perda parental é uma experiência singular e implica em um luto particular, posto que são inúmeras as adaptações que os filhos e familiares precisam enfrentar, tanto em nível individual quanto social. Ao perder um dos pais, o luto aparece como reação imediata, esse acontecimento solicita e cria demandas para uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui, pois ocorrem diferentes mudanças na vida destes, referentes a concepção de mundo e papéis (Mendes, 2009).

Para compreender a forma como a criança atravessa emocionalmente a perda e o luto é necessário conhecer, antes de mais nada, a forma como concebe a morte ao longo do seu desenvolvimento cognitivo. A internalização do conceito de morte envolve a capacidade de adquirir as noções de irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. A irreversibilidade diz respeito ao fator permanente e não reversível da morte, a não funcionalidade remete para a aquisição da noção de que ela envolve a perda das funções vitais e a universalidade requer a compreensão de que todo o ser vivo tem inevitavelmente de morrer (Mendes, 2009).

Ao longo do desenvolvimento do pensamento e da forma de abordar o mundo, a criança vai alternando e aperfeiçoando a sua concepção de morte. Até aos três anos de idade, os bebês sentem a perda no sentido da ausência temporária e morte (Bowlby, 1990).

Em idade pré-escolar, as crianças associam a morte a uma frase de grande tristeza, uma vez que é a emoção que lhes é espelhada pelos adultos, ainda assim não a reconhecem como irreversível (Franco & Mazonra, 2007).

O papel dos genitores no processo de elaboração do luto

Quanto mais informações verdadeiras sobre a morte do objeto amado, a família transparecer para a criança, como por exemplo, alertando sobre a impossibilidade de retorno a vida, serão fontes necessárias e importantes para que se determine uma readaptação adequada e assim avançar a vida sem aquele que faleceu.

A maneira como a criança vive o luto e concebe internamente a morte, muda de acordo com a idade, a personalidade, o desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social e a cultura na que convive (Bowlby, 1973/1998).

Ainda segundo Bowlby (1973/1998) “é imprescindível que a criança saiba que o morto não voltará nunca e que seu corpo está enterrado no chão ou foi incinerado.” (p. 283) Essas informações são necessárias porque a perda gera uma readaptação para avançar a vida sem aquele que pereceu. Este processo interfere no desenvolvimento infantil e pode até mesmo implicar no formato de viver emoções, na habilidade de socialização, no autoconceito e afetos, bem como nos processos de conexão dos vínculos vindouros. Também pode influenciar na manifestação de sentimentos de inferioridade, até mesmo na inabilidade para lidar com assuntos delicados. Sendo assim, a perda que provoca o luto denota deixar de ter o que se tinha, aludindo na maioria das vezes, a falta de um vínculo afetivo. Essa perda implica uma transformação drástica e estressante no todo ambiental. “Quanto mais intenso é o vínculo, mais a perda e a morte são emocionalmente experimentadas e mais arduamente superadas.” (Bowlby, 1973/1998, p. 290).

De acordo com Bowlby (1973/1998) no luto infantil existem duas grandes implicações práticas, que são a angústia e a raiva, comumente geradas pela perda. Em relação à angústia, não é surpreendente que uma criança, ao sofrer uma perda grave, sinta medo de vir sofrer outra. “Isso a torna particularmente sensível a qualquer separação de qualquer pessoa que dela possa estar cuidando, e também a qualquer acontecimento ou observação que lhe pareça construir indícios de outra perda.” (Bowlby, 1973/1998, p. 301). Em relação à raiva, o autor enfatiza que a frequência e variável.

Uma criança que encara a perda de um membro de afeição pode padecer de pressões do meio externo, quando o fato provoca alterações bruscas em seu dia-a-dia. Segundo Bomtempo (2001), por meio dos pensamentos fantasiosos e das brincadeiras fundamentais nelas, essa criança pode começar a compensar as pressões sofridas, que podem ser a vontade de não se manifestar triste perante os adultos ou então, conter o choro em situações que seriam admissíveis. Mas, com medo de fazer o outro se sentir ainda pior,

ela se retrai, aparentando que está tudo bem, evitando assim a consternação daqueles que estão ao redor.

Enquanto brinca, a maioria, das crianças entra em seu próprio mundo, pois para Vygotsky (1984), o brincar tem sua origem na situação imaginária criada pela criança, em que desejos irrealizáveis podem ser realizados, com a função de reduzir a tensão e, ao mesmo tempo, para construir uma maneira de acomodação a conflitos e frustrações da vida real.

As atividades lúdicas deixam que a criança banque o papel ora apático, ora ativo. Podemos compreender o quanto imperativo e enorme é o ato de brincar para crianças, especialmente para aquelas que enfrentam um processo de luto. Confirma esse pensamento, Cole e Cole (2009):

É através de seus brinquedos e brincadeiras que a criança tem oportunidade de desenvolver um canal de comunicação, uma abertura para o diálogo com o mundo dos adultos, onde ela restabelece seu controle interior, sua autoestima e desenvolve relações de confiança consigo mesma e com os outros. (p. 69)

Como sugestão de atividade a ser realizada com a criança, também é inegável a função que o desenho desenvolve, pelo fato de que é por meio deste que a criança pode espalhar fantasias tristes, que a tiram muitas vezes de sua realidade para um mundo fantasioso. Em seus desenhos, pode ficar manifesto o anseio de que o ente morto torne a vida, isso se a criança ainda não entender o conceito de irreversibilidade (Aberastury, 1984).

Para ajudar na elaboração da perda, é necessário que, alguém com quem a criança tenha uma história de confiança e afetividade, possivelmente o outro genitor ou familiares, conte-lhe o que aconteceu para que ela não sinta que está sozinha e que há pessoas para lhe prover atenção, carinho e cuidado. A criança pode negar inicialmente a morte, pode tornar-se agressiva ou achar que foi ela mesma que a causou. Ainda que a criança possa aparentemente não expressar tristeza, é nos gestos mais sutis que ela parece como que regredir, ficar hostil com as demais pessoas com quem convive ou tratar de seus brinquedos com violência (Torres, 2002).

Compete a família da criança enlutada evitar o silêncio em relação a morte, devem responder às perguntas para que ela não interprete este mutismo como significado que ela deve guardar para si perguntas e sentimentos em relação ao assunto. O que vem ao encontro do pensamento de Torres (2002), “explorar e tentar responder as perguntas das

crianças sobre a morte é muito melhor do que permitir que medos mágicos e não explicados atuem em sua imaginação.” (p. 161)

O adulto precisa atentar que a negação da morte pela criança pode ser um aspecto positivo, pelo fato de que a negação é uma fase imperativa entre a renúncia e a aceitação do fato como um meio “de promover a construção de uma relação pragmática entre o indivíduo e o meio, o mundo externo hostil e adverso se torna capaz de penetrar na consciência, apesar da dor, quando vem acompanhada de negação” (Torres, 2002, p. 162-163).

Para Barbosa (2010), a forma de como a criança irá encarar o luto dependerá da idade, personalidade, desenvolvimento cognitivo e psicossocial, indo mais além, a cultura familiar e o meio em que essa criança está inserida, também irá ter uma influência significativa.

Ao observar as colocações de alguns autores como Barbosa (2010), existe a questão de reforçar que a família tem um papel muito importante durante o processo de luto infantil. A maneira que a família ou cuidadores foram orientados sobre esse assunto, será de grande valia, para que se chegue na fase de reorganização de forma menos dolorosa possível. Em contrapartida, se os cuidadores nunca tiveram um embasamento positivo sobre o assunto, quem sofrerá com isso será a criança enlutada, com consequências negativas, acarretando em problemas que poderão interferir até mesmo na vida adulta.

Contribuições da Psicologia para elaboração do Luto Parental na Infância

Na atualidade, a morte ainda é vista como um tabu, cercada de mistérios e de crenças, no qual as pessoas, frequentemente, não se encontram preparadas para lidar com a finitude humana. Quando a morte ocorre, seja ela de forma trágica, repentina ou não, tende a causar inúmeras alterações na vida de uma pessoa, acarretando, muitas vezes, prejuízos e modificações, principalmente, nos funcionamentos emocionais e cognitivos. Neste momento, os enlutados poderão recorrer a um psicólogo, este tende a priorizar o acolhimento e a escuta ao paciente.

No que tange ao Conselho Federal de Psicologia, no uso de suas atribuições legais e regimentais, que lhe são conferidas pela Lei nº 5.766, de 20 de dezembro de 1971, considerando o disposto na Constituição Federal de 1988, conhecida como Constituição Cidadã, que consolida o Estado Democrático de Direito e legislações dela decorrentes, aponta neste sentido, alguns aportes sustentáveis para o apontamento em questão, luto infantil e as contribuições da psicologia a crianças enlutadas com morte de um dos

genitores (<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-cfp-n-10-2005-aprova-o-codigo-de-etica-profissional-do-psicologo?q=10/2005>).

Toda profissão define-se a partir de um corpo de práticas que busca atender demandas sociais, norteado por elevados padrões técnicos e pela existência de normas éticas que garantam a adequada relação de cada profissional com seus pares, igualmente à sociedade como um todo.

Como recorte, podem ser destacados das responsabilidades do psicólogo, conforme Art. 1º do Código de Ética:

- a) Conhecer, divulgar, cumprir e fazer cumprir este Código;
- b) Assumir responsabilidades profissionais somente por atividades para as quais esteja capacitado pessoal, teórica e tecnicamente;
- e) Estabelecer acordos de prestação de serviços que respeitem os direitos do usuário ou beneficiário de serviços de Psicologia;
- f) Fornecer, a quem de direito, na prestação de serviços psicológicos, informações concernentes ao trabalho a ser realizado e ao seu objetivo profissional;
- k) Sugerir serviços de outros psicólogos, sempre que, por motivos justificáveis, não puderem ser continuados pelo profissional que os assumiu inicialmente, fornecendo ao seu substituto as informações necessárias à continuidade do trabalho. (<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-cfp-n-10-2005-aprova-o-codigo-de-etica-profissional-do-psicologo?q=10/2005>)

De acordo com Barbosa (2010), nenhuma criança, em hipótese alguma, deve ser poupada do sofrimento advindo da morte, ou seja, ao contrário da fantasia e dos desenhos animados, deve-se compreender que o corpo físico não pode vir depois da morte, assim sendo deve-se também ser compreendido como algo permanente e que tudo que é vivo morre. É dever dos pais, familiares e psicólogos, serem verdadeiros com a criança, se necessário levar ao velório, para assim fugir da fantasia, trazer para a realidade e ser o mais transparente possível diante da situação, entretanto sempre levando em consideração de que nada pode ser feito sem o consentimento da criança, como no caso de mostrar o corpo dentro do caixão.

Tratando-se do dever psicológico, conforme o Catálogo Brasileiro de Ocupações (CBO) e das atribuições profissionais do psicólogo no Brasil, a realização do atendimento psicoterapêutico individual ou em grupo, adequado às diversas faixas etárias, em

instituições de prestação de serviços de saúde, em consultórios particulares e em instituições formais e informais. Além disso, atendimento familiar e/ou de casal para orientação ou acompanhamento psicoterapêutico e por fim, realizar atendimento a crianças com problemas emocionais, psicomotores e psicopedagógico (<https://crp16es.files.wordpress.com/2014/02/atribuic3a7c3b5es-do-psicc3b3logo.pdf>).

Goulart (2008) cita que o que caracteriza o luto patológico é uma negação prolongada da realidade, a persistência de distúrbios somáticos, da culpa, apatia crescente e insistência de reações hostis em relação aos outros.

Segundo Bromberg (2000), o luto infantil é frequentemente considerado um fator de vulnerabilidade a muitos distúrbios psicológicos na vida adulta. O surgimento destes distúrbios podem ser o demasiado uso de serviços de saúde, por tê-la constantemente debilitada, bem como crescente risco de distúrbios psiquiátricos.

Por meio das palavras de Bromberg (2000) e Goulart (2008) entendem-se que o luto durante a infância, trabalhado de forma errada, pode provocar várias dificuldades inclusive na vida adulta, alguns desses problemas pode ser o aparecimento de sintomas físicos sem fundamento clínico, além de se tornarem pessoas completamente hostis e colecionadas de inimizades, porque agem com truculência, sem se preocupar se pode estar magoando os outros ou não.

Diante da colocação dos autores citados anteriormente, entende-se que proteger a criança do luto pode não ser benéfico, pois em algum momento essa criança terá que se confrontar com essa situação e essa proteção, não existirá mais e esse confronto será inevitável, tornando-se impossível ignorar a morte de um parente ou alguém que essa criança tinha algum tipo de dependência ou nutria algum tipo de afeto.

Para entender a forma de como a criança encara a perda e o luto, é necessário antes investigar o conceito que ela tem sobre a morte, analisar a maneira que ela imagina a morte no decorrer do seu desenvolvimento cognitivo. A internalização do conceito de morte abrange também a capacidade cognitiva de adquirir noções de funcionalidade e universalidade, ou seja, estão ligadas às funções vitais, tendo a concepção de que todo o ser vivo tem inevitavelmente de morrer (Barbosa, 2010).

Autores como Bowlby (1973/1998) tem mostrado que transtornos psiquiátricos na vida adulta, como depressão e ansiedade, estariam associados entre outros aspectos, a perda por morte de um ente querido na infância, especialmente os pais. Por este motivo, é de vital relevância que o profissional de psicologia saiba como agir com a criança enlutada para fornecer o suporte necessário e eficaz para fomentação de uma vida adulta saudável.

SÍNTESE INTEGRADORA

Para compreender a forma como a criança atravessa emocionalmente a perda e o luto, é necessário conhecer a maneira como concebe a morte ao longo do seu desenvolvimento cognitivo. Com isso, torna-se de extrema relevância ressaltar o que os autores destacam em relação ao luto, suas determinadas fases, de que maneira a causa da morte influencia sua compreensão, a importância do trabalho da psicologia e de que maneira e a idade do enlutado também se caracteriza como fator determinante para o processo de enfrentamento do luto.

Freud (em Bouteiller, 2017) descreve o luto como uma reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de algo, como os pais, a liberdade, o ideal de alguém, assim como os autores Klein (em Oliveira, 2007) e Barbosa (2010). Esses últimos referem-se que toda perda pode propiciar a uma reativação de experiências tidas no princípio do desenvolvimento psíquico humano.

Há uma diferenciação dos dois pontos de vista entre Lacan (em Castilhos & Bastos, 2013) e Freud (em Bouteiller, 2017), no sentido de que, na teoria freudiana, existe um desinvestimento libidinal do objeto para substituí-lo por outro. Lacan (em Castilhos & Bastos, 2013) toma desse princípio e acrescenta o papel do simbólico e do imaginário, pois a tarefa consiste em manter os laços com o objeto, sustentando o simbólico e o imaginário para um outro fazer com o objeto.

O luto está acompanhado a uma quebra de conexão que é experimentada como abandono e martírio. Conforme Bowlby (1990) podem desenvolver ansiedade, isolamento, afastamento, separação e medo. Além disso, podem desenvolver fantasias muitas vezes advindas das explicações dos pais ao dizer que o outro genitor foi descansar, dormir, virou uma estrela ou precisou fazer uma longa viagem. (Barbosa, 2010).

Conforme Barbosa (2010) são três as fases do luto, já Kübler-Ross (2011) caracteriza como cinco estágios emocionais pelos quais os pacientes enlutados passam.

Para Barbosa (2010) a primeira caracteriza-se pela sensação de choque e de negação, é a fase da descrença, se faz natural que a pessoa encontre incredulidade, podendo reagir com algum embotamento afetivo, pertence a uma fase onde ainda há a procura. Kübler-Ross (2011) em seu primeiro estágio ainda acrescenta que o paciente procura provar de todas as formas que houve um engano, necessitando de tempo para absorção da ideia.

A segunda fase do luto acontece quando a pessoa se desorganiza e experimenta o desespero, é onde se toma consciência da perda, reagindo com choro, tristeza, desgosto,

depressão, entre outras reações (Barbosa, 2010), se mescla a raiva por planos estarem sendo interrompidos a ressentimentos pelo que não foi vivido e inveja pela nova condição e do processo em curso (Kübler-Ross, 2011).

Numa terceira fase, conforme Barbosa (2010), já é possível uma reorganização e recuperação emocional, então ocorre o restabelecimento. Segundo Kübler-Ross (2011), a aceitação somente seria visível no quinto e último estágio, onde coincide com o período de maior desgaste físico. Parece ser mais difícil viver do que morrer e os sentimentos desvanecem. É um período em que o paciente pode querer falar sobre seus sentimentos, mas precisa que haja pessoas disponíveis e preparadas internamente para esse contato.

Kübler-Ross (2011) dispõe como terceiro estágio a barganha, onde ocorre uma tentativa de adiar a morte como um prêmio por um bom comportamento. Há promessas de novas atitudes e de mudanças no estilo de vida, na esperança de prolongar um pouco mais a sobrevivência. Ocorre também arrependimentos por situações concretas ou fantasiosas vividas como pecados, fazendo com que o paciente se sinta castigado pela morte.

Kübler-Ross (2011) ainda acrescenta mais um estágio diferente e que antecede a aceitação, caracterizado como quarto estágio e abordado como depressão, que pode ser de dois tipos: a reativa e a preparatória. Na primeira sugere uma abordagem multidisciplinar com apoio e orientação principalmente na área social. A depressão preparatória pode surgir quando o paciente se dá conta de que perderá tudo, em breve.

Todavia, Torres (2002) destacou que, na maioria dos estudos, apesar da relação encontrada entre o desenvolvimento cognitivo e o conceito de morte, ainda existe insuficiência na explicação sobre o motivo de determinada etapa ser um pré-requisito para que um nível particular de compreensão de conceitos abstratos, como o de morte para que seja alcançado.

Bowlby (1973/1998) e Torres (2002) advertem que o não discorrer sobre a morte com crianças pode acarretar em seu desenvolvimento. Estes transtornos podem ser manifestos, especialmente quando ela vivencia uma experiência de perda e luto, ainda mais ao se tratar de um dos genitores. Percebe-se que a falta de informação sobre o falecimento colabora para que a criança crie conceitos sobre a morte, o que possibilita uma visão desvirtuada da mesma, nutrindo temores e culpa.

Bowlby (1990) ainda acrescenta que o não fornecimento de informação correta a respeito da morte, uma atitude de negação do sofrimento, não compartilhar o luto com a criança, exigir consciente ou inconscientemente a parentificação ou que a criança ocupe o lugar do falecido, podendo causar na criança sentimentos de abandono, culpa, agressividade, raiva desamparo.

O luto parental está associado a uma quebra de vínculo que é sentida como desamparo e aflição, podendo desencadear ansiedade de separação e pânico (Bowlby, 1990). Para o autor, a forma de a criança viver o luto parental sofre influência principalmente por dois aspectos: padrões de relação familiar anteriores (de base) e reestruturação do sistema familiar em consequência da perda. Quer isto dizer, a vivência da perda é influenciada, positiva ou negativamente, pelo padrão de vinculação que até então têm caracterizado as relações originais familiares e pela força e vigor dessa mesma vinculação.

Barbosa (2010) refere que a forma como a criança vive o luto parental e representa internamente a morte, variam de acordo com a idade, a personalidade, o estágio do desenvolvimento cognitivo e psicossocial, a intensidade com que ela vive e está próxima com esta crise e, também, com aspectos mais gerais como a cultura em que está inserida.

A morte cria na criança sentimentos muito profundos de vínculos rompidos e de desamparo e impotência (Franco & Mazorra, 2007). Quanto mais forte é o vínculo, mais a perda e a morte são emocionalmente sentidas e mais dificilmente ultrapassadas. Quando mal ultrapassados os processos de luto na fase infantil, estes podem retornar a fase adulta sob forma de fobias, crises de ansiedade, pesadelos e insônias (Mendes, 2009).

A perda para a criança requer uma adaptação, para que lhe seja possível continuar a viver sem aquele que faleceu. Este processo influencia o desenvolvimento e estas podem revelar-se na capacidade de sociabilização, no autoconceito, na forma de viver as emoções e os afetos, no estabelecimento de futuros vínculos. Pode ainda causar sentimentos de inferioridade, fragilidade ou até mesmo incapacidade de lidar com assuntos delicados (Louzette & Gatti, 2007).

Contudo, mesmo que, em razão de seu nível de desenvolvimento cognitivo, as crianças ainda não consigam verbalizar o sofrimento advindo com a morte, o trabalho psicanalítico revelou que estas sofrem o luto, e já são capazes de perceber o que acontece à sua volta, inclusive a morte. Esta percepção pode mostrar-se simbolicamente por meio de atividades expressivas como o jogo e o desenho (Aberastury, 1984).

Fox (2007) destacou quatro tarefas que as crianças devem atravessar no trabalho de luto e que o psicólogo deve promover na intervenção em luto complicado. São elas o compreender, lamentar, comemorar e seguir em frente. Durante a tarefa de compreender, a criança ou o adolescente procura determinar internamente a causa da perda e a situação em que tal ocorreu. O lamentar significa a criança sentir e experimentar os sentimentos dolorosos associados a perda e compreendê-los como normais na situação que atravessa. Na comemoração da perda, é dado incentivo para desenvolver uma forma pessoal e

significativa de lembrar e homenagear a pessoa ou o objeto perdido. Na última tarefa, seguir em frente, a criança descobre novas amizades, frequenta a escola, brinca e realiza todas as atividades da vida (Tozzi em Reppold & Hutz, 2003).

Mendes (2009) refere alguns trabalhos com técnicas como a da terceira pessoa: falar sobre uma terceira pessoa e esperar a reação da criança, por exemplo, “há pessoas que quando estão no hospital têm medo de não voltar” ou “há pessoas que ficam muito tristes quando algum familiar morre”; narração de histórias: levar a criança a associar livremente, contornando as resistências inconscientes. Pedir à criança para contar uma história relacionada com o assunto, ou para descrever uma foto de uma criança triste - ajuda a criança a repensar a morte e a criar estratégias para ultrapassar possíveis acontecimentos. As associações revelam sempre preocupações e conteúdos inconscientes por via da projeção; desenho: uma das técnicas onde a criança mais projeta. O desenho livre dá a possibilidade à criança de expressar aquilo que lhe causa sofrimento e preocupação. Pode-se utilizar também o desenho rígido, em que se pede um tema específico ou alguns temas à escolha; jogos e brincar: linguagem universal das crianças, em que a criança está livre para desempenhar papéis.

Kübler-Ross (2011) defende a ideia de que a exteriorização dos sentimentos e das emoções são expressões saudáveis de reagir à perda, pois permitem a elaboração do luto e dissipam os sentimentos de culpa, de raiva, desespero. Sugere que pais, educadores e psicólogos não escondam nem limitem a informação sobre a morte, ao invés disso, que a familiarize e prepare para este aspecto de vida, para ganhar competências necessárias à superação dos sentimentos da perda e luto de que se possa ser vítima mais tarde. Mendes (2009) complementa referindo-se a duas linhas orientadoras para as figuras significativas da criança: fornecer toda informação relativa a morte para garantir a expressão emocional e afetiva do enlutado e ainda é uma maneira de lhe oferecer responsabilidade de partilha no seio familiar evitando forte conturbação. Ainda, em complemento a Kübler-Ross (2011), aborda a expressão emocional como garantia de descarga de tensão e o dissipar de sentimentos que impeçam a elaboração do luto.

Percebe-se com isso, que a explicação da morte deve ser feita numa linguagem adequada a idade a qual se remete a informação e ao nível cognitivo da criança, através de conceitos concretos e expressões reais e deve-se dar espaço para que a mesma expresse suas dúvidas e questões. Assim, deve-se evitar metáforas e eufemismos, uma vez que determinadas crianças não têm consolidadas as capacidades de pensamento abstrato, tendendo a criar histórias, por vezes ilusórias. Kübler-Ross (2011) ainda acrescenta que a repressão dos sentimentos conduz ao conflito e aos desequilíbrios no desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final de uma pesquisa, é imprescindível que se retome os principais temas desenvolvidos ao longo do texto, revisitando-os, para se ter clareza de que foram concluídos os propósitos traçados. Este estudo teve como objetivo discutir as possíveis contribuições da psicologia na elaboração do luto parental na infância. Contudo, se fez necessário, abordar primeiramente o conceito de luto, posteriormente abordar a temática luto infantil, seguido de luto parental e as possíveis intervenções do psicólogo com a morte de um dos genitores na infância.

Sendo assim, para atingir o escopo proposto, uma vez que, o trabalho se configura como um estudo exploratório, fora iniciado o roteiro elaborando, brevemente, os conceitos relacionados a luto. A partir disso, integraram-se os resultados através de síntese integradora.

A experiência da perda e dor frente a morte de um dos genitores são fenômenos inevitáveis da vida, com isso, se faz necessário que a sociedade contrarie a tendência errada de os ignorar e silenciar para que as gerações seguintes cresçam com melhores capacidades psicológicas para os encarar e ultrapassar.

Em alguns momentos e famílias, ainda acredita-se que crianças não compreendem o que significa morte e luto. Através desta pesquisa, pode-se concluir que é de extrema importância e relevância falar com o enlutado indiferente da idade, sobre o ocorrido, para que possam compreender o verdadeiro sentido e aprendam a lidar com tal situação.

Embora que ao senso comum lhe pareça que a criança é demasiado frágil para aguentar a morte ou incapaz de compreender, na verdade, tais erros não oferecem às crianças uma oportunidade de amadurecer nem ganhar estratégias e capacidades psicológicas para criar uma representação interna da morte como um acontecimento natural e inevitável que, mesmo que cause forte sofrimento interno, é possível de ser ultrapassado.

Mesmo as crianças consideradas menores, até os nove anos, podem compreender este período de perda e internalizarem sentimentos relativos a ela. Da mesma maneira, as crianças consideradas maiores, ou seja, com 10 anos ou mais, ainda assim, mesmo que com mais clareza sobre o assunto, podem sim passar por diferentes estágios. Porém, ao contrário dos adultos, essas fases são demonstradas de maneiras diferentes. Por isso, é essencial que os mesmos estejam sempre atentos a essas mudanças de comportamento. Em geral, o período de luto infantil é um pouco diferente do luto dos adultos e, por isso, suas necessidades também são distintas.

A complexidade envolvida na experiência do luto se mostra muita acima das capacidades e recursos internos de muitos indivíduos, e nesses casos o trabalho do psicólogo, se mostra de vital valor àquele que sofre.

O luto se apresenta de maneira distinta e variável para cada uma das pessoas. Para alguns podem ocorrer por antecipação, como uma forma de organização interna em relação a uma perda eminente, para outros o luto tardio, quando o impacto é muito grande e não se pode ou não se consegue olhar para a perda no momento.

É importante que pais, educadores e psicólogos tomem consciência de que privar as crianças de esclarecimentos, impedi-los de viver o luto e elaborar internamente os sentimentos que sentem após o desfazer de um vínculo afetivo significativo são práticas negativas que podem trazer consequências graves.

Nem sempre o luto se dá na sequencia negação, raiva, negociação, depressão e aceitação, algumas pessoas, especialmente crianças não conseguem ultrapassar uma dessas fases e a aceitação parece estar num horizonte distante. Com isso, o psicólogo busca inicialmente uma avaliação da condição do enlutado para que a partir daí possa ser criado um planejamento terapêutico específico, oferecendo suporte para que a criança e familiares possam dar-se conta das exigências do cotidiano tanto quanto possível. E então passar a cuidar do essencial, o caminho da aceitação e dar sentido (existencial) a experiência da perda bem como da capacidade de seguir adiante.

A estratégia clínica sob a qual a psicoterapia (tanto individual, como de grupo ou familiar) se desenvolverá, em geral terá um objetivo que cabe para todas as situações de luto, o de elaboração do luto, a de favorecer a criação de suportes e alavancas para que a pessoa possa se adaptar à condição de viver sem aquele que se foi e estabelecer novos sentidos que possam ser compreendidos como uma reorganização de sua subjetividade e dos novas possibilidades de existir que se mostram a partir de então.

O fato de não terem sido identificadas muitas publicações com autores renomados e recentes foi uma dificuldade encontrada, já que, os estudos localizados nas fontes de pesquisa, na sua maioria são em outra língua e/ou privilegiavam a exposição de filmes para expor conceitos da teoria psicanalítica, por exemplo, analisando a simbologia expressa através das personagens. Ao mesmo tempo, acredito que esse obstáculo fez com que eu me dedicasse ainda mais as leituras encontradas. Considero que o estudo alcançou os objetivos propostos, trazendo as correlações entre luto, as repercussões do luto parental de acordo com as fases do desenvolvimento infantil e possibilidades de atribuições do psicólogo.

Sendo assim, o trabalho se mantém aberto para novos estudos buscando aprofundamento através de obras, temas ou até mesmo relatos de experiência com foco no

assunto apresentado, podendo levar em consideração outros pontos não aprofundados nesse momento.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A., (1984). *A percepção da morte na criança e outros escritos*. Porto Alegre: Artmed.
- Barbosa, A., (2010). Processo de Luto. In A. Barbosa & I. Neto (Eds.), *Manual de Cuidados Paliativos* (2ª ed; pp. 111 - 125). Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa.
- Bromberg, M. H. P. F., (2000). *A psicoterapia em situação de perdas e luto*. Campinas: Livro Pleno
- Bomtempo, E., (2001). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: T. M. Kishimoto (Org.), *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (2ª ed.; pp. 57 – 71). São Paulo: Cortez.
- Boss, P., (2008). *A perda ambígua - Morte na família: Sobrevivendo às perdas*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Bouteiller, B. le, (2017). Luto e melancolia - variações com o texto de Freud (B. Maranhão, Trad.). *Reverso*, 39(73). Acesso em 11 de Junho, 2019 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100004
- Bowlby, J., (1998). *Apego e perda* (2ª ed.; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1973)
- Bowlby, J., (1990). *Formação e rompimento dos laços afetivos* (4ª ed.; A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Castilhos, G. & Bastos, A., (2013). A função constitutiva do luto na estruturação do desejo. *Estilos Clínica*, 18(1), 89-106. Acesso em 04 de Abril, 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v18n1/a06v18n1.pdf> .
- Cavalcanti, A., Samczuck, M. & Bonfim, T., (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Acesso em 15 de Setembro, 2018 de <http://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/PINFOR/articule/viewFILE/4552/3751>.
- Cole, M., & Cole, S. R., (2009). *Experiências iniciais e vida futura: O desenvolvimento da criança e do adolescente* (4ª. ed.; pp. 274-304). Porto Alegre: Artmed.
- Flick, U., (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Franco, M. H. P., & Mazorra, L., (2007). Criança e luto: Vivências fantasmáticas diante da morte do genitor. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 503-511. Acesso em 16 de Setembro, 2018 de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n4/v24n4a09.pdf>.

- Fox, J., (2007). *O Essencial de Moreno: Textos sobre Psicodrama, Terapia de grupo e Espontaneidade*. São Paulo: Agora.
- Gil, A. C., (2010). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas. (Trabalho original publicado em 1987)
- Gil, A. C., (2011). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4ª ed.). São Paulo: Atlas. (Trabalho original publicado em 1987)
- Goulart, A., (2008). Com a alma desabitada: Reconsiderações sobre Luto e Melancolia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(3), 103-114. Acesso em 11 de Junho, 2019 de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000300011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Günther, H., (2009). Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a Questão? [Versão Eletrônica]. *Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(2), 201-210.
- Kovács, M. J., (2013). *Morte e Desenvolvimento Humano* (5a ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E., (2011). *Sobre a morte e o morrer* (P. Menezes, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B., (2007). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1967).
- Lima, T. C. S. de & Mito, R. C. T., (2007). Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. *Revista Katalysis*, 10, 35-45. Acesso em 08 de Junho, 2019 de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-49802007000300004&script=sci_abstract&tlng=pt
- Louzette, F. & Gatti, A., (2007). Luto na infância e as suas consequências no desenvolvimento psicológico. Acesso em 12 de Junho, 2019 de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0226.pdf>
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M., (2010). *Fundamentos de metodologia científica* (7ª ed.). São Paulo: Atlas.
- Mendes, É., (2009). A morte e o luto a partir do mito da medusa e o trabalho com crianças portadoras de doenças terminais. *Revista Virtual de Psicologia Hospitalar e da Saúde*, 1(1). Acesso em 30 de Outubro, 2018 de <http://www.geocities.ws/revistavirtualpsicopio/edicoes.html>.
- Oliveira, M. P. de, (2007). Melanie Klein e as fantasias inconscientes. *Winnicott E-prints*, 2(2). Acesso em 14 de Abril, 2019 de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/wep/v2n2/v2n2a05.pdf>

- Raimbault, G., (1979). *A criança e a morte. Crianças doentes falam da morte: Problemas da clínica do luto*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Salvador, A. D., (1978). *Métodos e técnicas de pesquisa bibliográfica* (7ª ed.). Porto Alegre: Sulinas.
- Torres, W., (2002). *A criança diante da morte*. Editora: Casa do Psicólogo.
- Vygotsky, L.S., (1984). *A formação social da mente* (2ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

ANEXO A

Ficha de apontamentos

FICHA DE APONTAMENTOS
Título da obra:
Referência bibliográfica:
Síntese das ideias principais:
Anotações gerais: